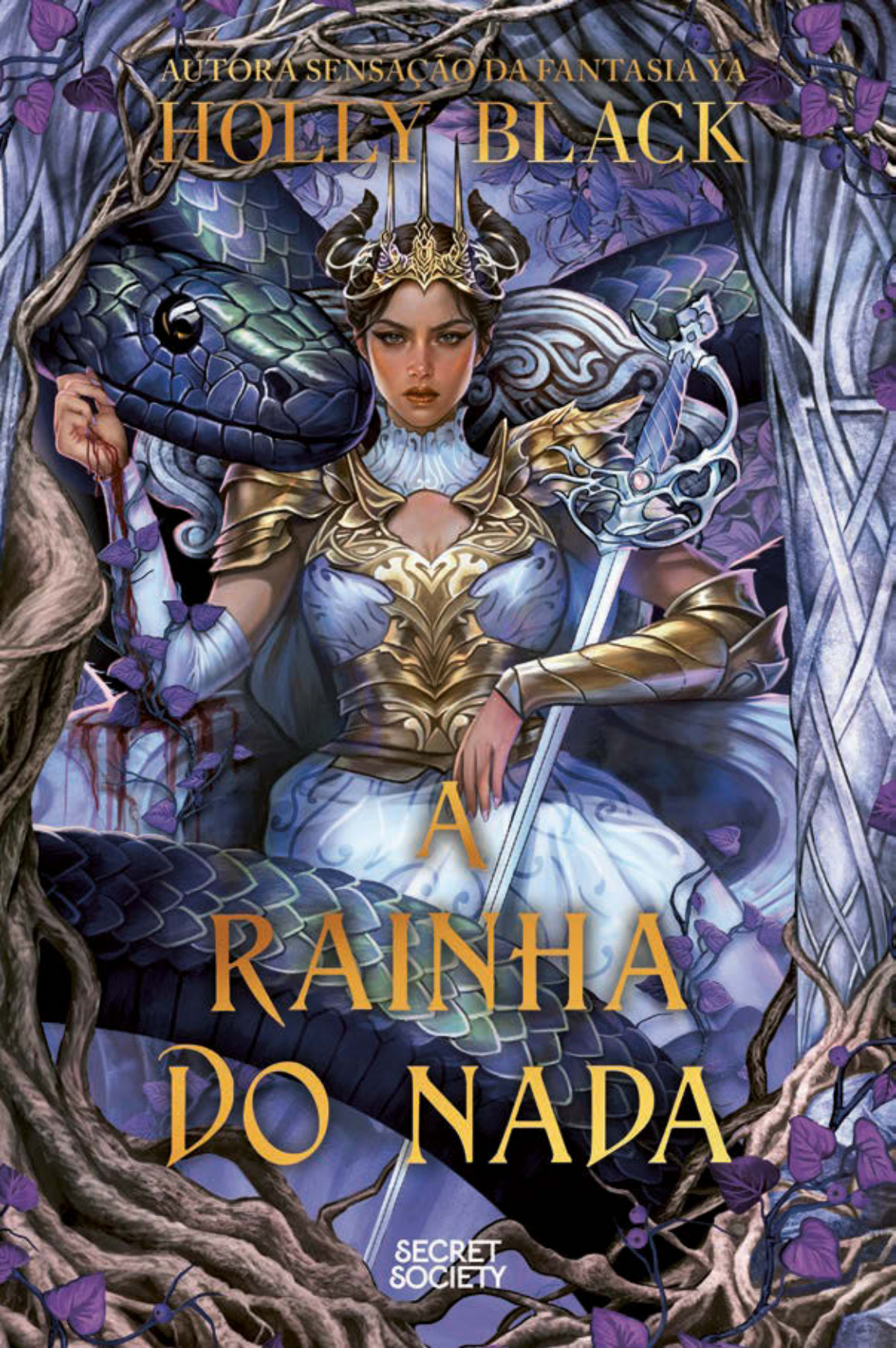
AUTORA SENSAÇÃO DA FANTASIA YA

HOLLY BLACK



A RAINHA DO NADA

SECRET SOCIETY

Para Leigh Bardugo,
que nunca deixa escapar nada.

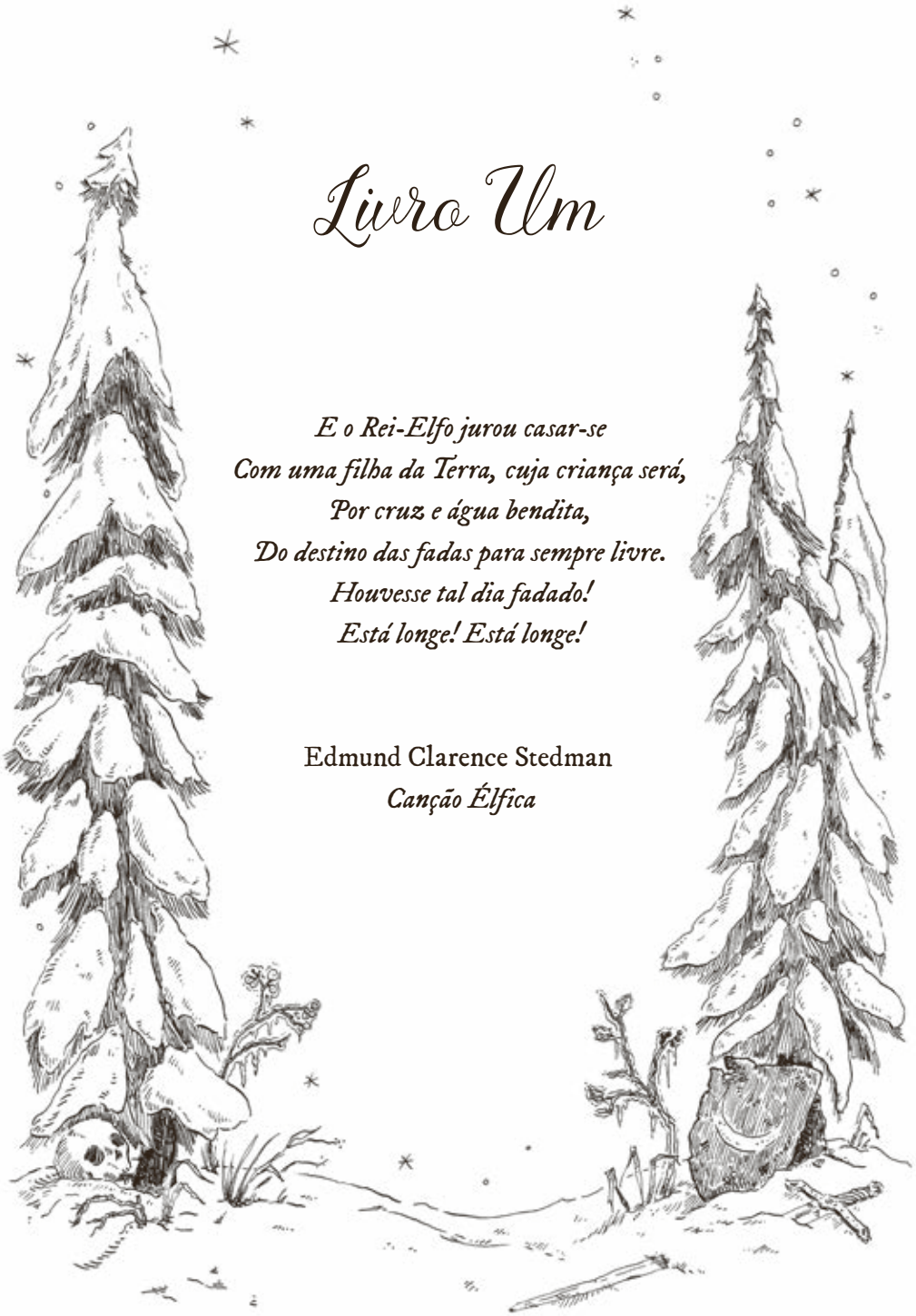
Floresta Torta
Palácio de Elfhame
Bosque Lácteo
INSMIRE
Lago das Máscaras
Fortaleza de Madoc

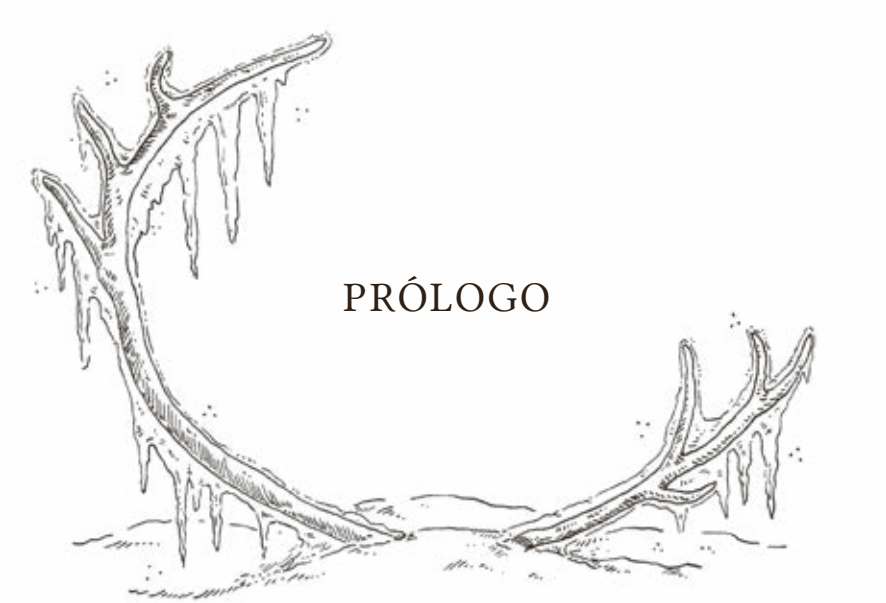
Mapa das Ilhas Inconstantes de
ELFHAME
Mansão de Locke
INSMOOR
Torre do Esquecimento
INSEAR
INSWEAL
Solar Oco

Livro Um

E o Rei-Elfo jurou casar-se
Com uma filha da Terra, cuja criança será,
Por cruz e água bendita,
Do destino das fadas para sempre livre.
Houvesse tal dia fadado!
Está longe! Está longe!

Edmund Clarence Stedman
Canção Élfica





PRÓLOGO

Baphen, o Astrólogo Real, semicerrou os olhos para o mapa astral e tentou não estremecer quando pareceu certo de que o mais jovem príncipe de Elfhame estava prestes a ser largado sobre a sua cabeça real.

O príncipe Cardan tinha nascido uma semana antes e seria finalmente apresentado ao Rei Altíssimo. Os cinco herdeiros anteriores tinham sido vistos imediatamente, ainda a berrar na sua vermelhidão recém-nascida, mas a senhora Asha tinha impedido o Rei Altíssimo de a visitar antes de se sentir adequadamente restabelecida do leito de parturiente.

O bebé era magro e mirrado, silencioso, e fitava Eldred com olhos pretos. Estalava a sua pequena cauda de chicote com tanta força que ameaçava soltar a manta que o agasalhava. A senhora Asha parecia não saber como lhe dar colo. Na verdade, segurava-o como se esperasse que alguém a aliviasse do fardo em breve.

— Fala-nos do seu futuro — ordenou o Rei Altíssimo. Só poucos do Povo se tinham reunido para testemunhar a apresentação do novo príncipe — o mortal Val Moren, que era em simultâneo poeta da Corte e senescal, e dois membros do Conselho Vivo: Randalin, o Ministro das Chaves, e Baphen. No salão vazio, as palavras do Rei Altíssimo ecoavam.

Baphen hesitou, mas não podia não responder. Eldred tinha sido abençoado com cinco filhos antes do príncipe Cardan, fecundidade chocante entre o Povo, com o seu sangue fino e poucos nascimentos. As estrelas tinham revelado os triunfos fadados para cada príncipe e princesa na poesia e na canção, na política, na virtude e até no vício. Mas, daquela vez, o que vira nas estrelas tinha sido inteiramente diferente.

— O príncipe Cardan será o teu último filho — disse o Astrólogo Real. — Será a destruição da coroa e a ruína do trono.

A senhora Asha susteve a respiração. Pela primeira vez, apertou a criança contra si num gesto protetor. O bebé agitou-se nos seus braços.

— Pergunto-me quem terá influenciado a tua interpretação dos sinais. Talvez a princesa Elowyn esteja envolvida. Ou o príncipe Dain.

Talvez fosse melhor que ela o deixasse cair, pensou Baphen friamente.

O Rei Altíssimo Eldred passou uma mão pelo queixo.

— Não se pode fazer nada para parar isto?

Era uma bênção envenenada que as estrelas dessem a Baphen tantos enigmas e tão poucas respostas. Desejava frequentemente ver as coisas com maior clareza, mas não aconteceu daquela vez. Baixou a cabeça numa vénia para ter uma desculpa para evitar o olhar do Rei Altíssimo.

— Só do seu sangue derramado poderá erguer-se um grande governante, mas não antes de acontecer o que te disse.

Eldred virou-se para a senhora Asha e para o seu filho, o arauto do infortúnio. O bebé estava silencioso como uma pedra, sem chorar nem titubear e continuando a abanar a cauda.

— Leva o rapaz — disse o Rei Altíssimo. — Cria-o como entenderes.

A senhora Asha não vacilou.

— Vou criá-lo como será digno da sua condição. É um príncipe, afinal, e é teu filho.

Havia uma incerteza na sua voz, e Baphen recordou com desconforto que algumas profecias eram concretizadas pelas mesmas ações que se destinavam a impedi-las.

Por um momento, todos ficaram em silêncio. A seguir, Eldred acenou com a cabeça a Val Moren, que deixou o estrado do trono e regressou com uma caixa de madeira fina com a tampa decorada com um padrão de raízes.

— Um presente — disse o Rei Altíssimo — em reconhecimento do teu contributo para a linhagem da Moita Verde.

Val Moren abriu a caixa, revelando um colar exemplar de esmeraldas pesadas. Eldred ergueu-o e colocou-o sobre a cabeça da senhora Asha. Tocou-lhe na face com as costas de uma mão.

— A tua generosidade é grande, senhor — disse ela, vagamente tranquilizada. O bebé segurou uma das pedras na sua pequena mão, erguendo para o pai os olhos sem fundo.

— Vai e descansa — disse Eldred com voz mais terna. Daquela vez, ela obedeceu.

A senhora Asha partiu de cabeça erguida, segurando a criança com maior firmeza. Baphen sentiu um arrepio premonitório que nada tinha que ver com estrelas.

O Rei Altíssimo Eldred não voltou a visitar a senhora Asha nem a chamou até ele. Talvez devesse ter posto de parte a sua insatisfação e ter-se dedicado ao seu filho. Mas olhar para o príncipe Cardan era como olhar para um futuro incerto e, por isso, evitava-o.

A senhora Asha, como mãe de um príncipe, passou a ser muito procurada na Corte, mas não pelo Rei Altíssimo. Dada a caprichos e frivolidades, desejou regressar à vida alegre de uma cortesã. Não podia participar em bailes com uma criança atrás e, por isso, encontrou uma gata cujos gatinhos tinham nascido mortos para ser a ama de leite dele.

Isso durou até o príncipe Cardan conseguir gatinhar. Quando aconteceu, a gata já tinha uma nova ninhada no ventre e o príncipe começou a puxar-lhe a cauda. A gata fugiu para os estábulos, abandonando-o também.

E assim cresceu no palácio, amado por ninguém e vigiado por ninguém. Quem ousaria impedir um príncipe de roubar comida das mesas grandiosas e de a comer debaixo delas, devorando o que tinha roubado com dentadas selvagens? As suas irmãs e irmãos limitavam-se a rir, brincando com ele como brincariam com um cachorro.

Só se vestia ocasionalmente. Usava grinaldas de flores em vez de roupa e atirava pedras quando os guardas tentavam aproximar-se dele. Apenas a sua mãe conseguia controlá-lo de alguma forma e raramente tentava conter-lhe os excessos. Fazia, aliás, o contrário.

— És um príncipe — dizia-lhe com firmeza, quando fugia a um conflito ou quando perdia a oportunidade de

fazer uma exigência. — Tudo te pertence. Basta estenderes a mão. — E, às vezes: — Quero aquilo. Traz-mo.

Diz-se que as crianças das fadas não são como as crianças mortais. Precisam de pouco amor. Não precisam de ser agasalhadas na cama, à noite, podendo dormir igualmente felizes no canto frio de um salão de baile, embrulhadas numa toalha. Não precisam de ser alimentadas; satisfazem-se a beber orvalho e a surripiar pão e natas da cozinha. Não precisam de consolo porque raramente choram.

Mas, se as crianças das fadas precisam de pouco amor, os príncipes das fadas precisam de algum aconselhamento.

Sem ele, quando o irmão mais velho de Cardan sugeriu atirar uma flecha a uma noz pousada na cabeça de um mortal, Cardan não teve a sabedoria para recusar. Os seus hábitos eram impulsivos. O seu temperamento era imperioso.

— Boa pontaria impressiona tanto o nosso pai — disse o príncipe Dain com um sorriso pequeno e provocante. — Mas talvez seja demasiado difícil. Não tentar será melhor do que falhar.

Para Cardan, que não conseguia despertar o agrado do seu pai e o desejava com desespero, a possibilidade era tentadora. Não perguntou a si mesmo quem era o mortal ou como tinha vindo para a Corte. Cardan nunca suspeitou, sem dúvida, de que o homem fosse amado por Val Moren e de que o senescal enlouqueceria de dor se o homem morresse.

O que deixaria Dain livre para ocupar uma posição de maior preeminência à direita do Rei Altíssimo.

— Demasiado difícil? Não tentar será melhor? Essas são as palavras de um cobarde — disse Cardan, cheio de

bravata infantil. A verdade era que o seu irmão o intimidava, mas isso só lhe aumentava o desdém.

O príncipe Dain sorriu.

— Troquemos de flechas, pelo menos. Assim, se falhares, podes dizer que foi *a minha* flecha que falhou o alvo.

O príncipe Cardan devia ter desconfiado daquela amabilidade, mas não conhecia suficientemente bem a amabilidade para reconhecer quando era verdadeira ou falsa.

Em vez disso, pôs no arco a flecha de Dain e puxou a corda enquanto mirava a noz. Sentiu um aperto no estômago. Podia não acertar. Podia magoar o homem. Mas, na sequência disso, uma alegria feroz nasceu da possibilidade de fazer uma coisa tão horrível que o seu pai deixaria de conseguir ignorá-lo. Se não podia atrair a atenção do Rei Altíssimo por alguma coisa boa, talvez pudesse consegui-lo com uma coisa realmente má.

A mão de Cardan tremeu.

Os olhos líquidos do mortal fitaram-no com um medo paralisado. Encantado, claro. Ninguém se ergueria assim voluntariamente. Foi isso que o fez decidir-se.

Cardan forçou uma gargalhada enquanto afrouxava a corda do arco, deixando a flecha cair.

— Recuso disparar nestas condições — disse, sentindo-se ridículo por ter recuado. — O vento sopra de norte e despenteia-me o cabelo. Cobre-me os olhos.

Mas o príncipe Dain ergueu o seu arco e disparou a flecha que Cardan tinha trocado com ele. Trespassou a garganta do mortal. Ele caiu quase sem som, mantendo abertos os olhos, que passavam a fitar o vazio.

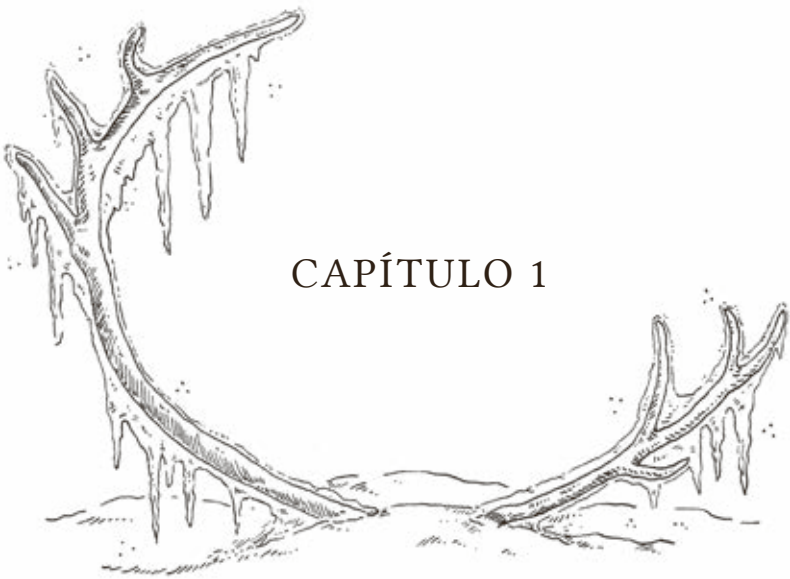
Aconteceu tão depressa que Cardan não gritou nem reagiu. Limitou-se a olhar fixamente para o seu irmão com uma compreensão lenta e terrível desabando sobre ele.

— Ah — disse o príncipe Dain com um sorriso satisfeito. — Uma pena. Parece que *a tua* flecha falhou o alvo. Talvez possas dizer ao nosso pai que tinhas o cabelo nos olhos.

Depois, mesmo que protestasse, ninguém ouviu a versão do príncipe Cardan. Dain tratou disso. Contou a história da imprudência do jovem príncipe, da sua arrogância, da sua flecha. O Rei Altíssimo nem sequer lhe concedeu uma audiência.

Apesar das súplicas de Val Moren por uma execução, Cardan foi punido pela morte do mortal como os príncipes são punidos. O Rei Altíssimo trancou a senhora Asha na Torre do Esquecimento em vez de Cardan, e Eldred ficou aliviado por ter finalmente um pretexto para o fazer, porque a considerava aborrecida e problemática. A guarda do príncipe foi confiada a Balekin, o mais velho dos irmãos, o mais cruel e o único disposto a acolhê-lo.

E assim foi construída a reputação do príncipe Cardan. Não precisou de fazer muito mais do que aprimorá-la.



CAPÍTULO 1

Eu, Jude Duarte, Rainha Altíssima de Elfhame no exílio, passo a maior parte das manhãs a dormitar em frente da televisão, enquanto vejo concursos de culinária, desenhos animados e reposições de um programa no qual as pessoas têm de completar um caminho de obstáculos que envolve apunhalar caixas e garrafas e cortar um peixe inteiro. À tarde, se ele me deixar, treino o meu irmão, Oak. À noite, faço recados para as fadas locais.

Mantenho a cabeça baixa, como talvez devesse ter feito desde o início. E, se amaldiçoo Cardan, também tenho de me amaldiçoar a mim, por ser a tonta que caiu na armadilha que ele me preparou.

Em criança, imaginei-me a regressar ao mundo mortal. Taryn, Vivi e eu recordávamos como era viver lá, lembrávamos os cheiros a relva acabada de cortar e a gasolina, e revisitávamos como era jogar à apanhada pelos quintais do bairro e flutuar na água com cloro das piscinas no verão.

Sonhava com chá gelado, feito com pó instantâneo, e com gelados feitos de sumo de laranja. Ansiava por coisas banais: o cheiro a asfalto quente, a curva dos fios entre os candeeiros da rua, as músicas dos anúncios.

Agora, presa de vez no mundo mortal, tenho saudades da Terra das Fadas com uma intensidade dolorosa. É pela magia que anseio. É da magia que tenho saudades. Talvez até tenha saudades de ter medo. Sinto que desperdiço os dias a sonhar, inquieta, sem nunca acordar completamente.

Tamborilo com os dedos na madeira pintada de uma mesa de piquenique. É o início do outono e já está fresco no Maine. O sol de final de tarde tinge a relva fora do complexo de apartamentos, enquanto vejo Oak brincar com as outras crianças na mancha de floresta que percorre o espaço desde o edíficio até à autoestrada. São miúdos do prédio, alguns mais novos e outros mais velhos que os seus 8 anos, todos largados pelo mesmo autocarro escolar amarelo. Fazem uma guerra a fingir completamente desorganizada e perseguem-se uns aos outros com paus. Batem como crianças, mirando a arma em vez do adversário, e riem-se muito alto quando um dos paus se parte. Reparo que aprendem lições erradas sobre esgrima.

Mesmo assim, observo-os. E é então que percebo que Oak usa o encantamento.

Fá-lo de forma inconsciente, acho. Esgueira-se em direção aos outros miúdos até chegar a uma parte do caminho sem cobertura fácil. Continua a avançar para eles e, mesmo que esteja à vista de todos, parecem não o ver.

Cada vez mais perto e os miúdos continuam sem olhar para ele. E, quando salta para eles com o pau no ar, guincham com surpresa totalmente genuína.

Estava invisível. Usava o encantamento. E eu, com uma *geas* que me impede de ser enganada por aquilo, não reparei até estar feito. As outras crianças pensam apenas que foi esperto ou que teve sorte. Só eu sei como foi descuidado.

Espero até as crianças irem para os seus apartamentos. Afastam-se, uma a uma, até só restar o meu irmão. Não preciso de magia, mesmo com folhas no chão, para me aproximar dele sem ser vista. Com um movimento rápido, ponho-lhe o braço à volta do pescoço e pressiono-lhe a garganta com força suficiente para lhe pregar um bom susto. Atira a cabeça para trás e quase me acerta no queixo com os chifres. Nada mau. Tenta soltar-se, mas sem grande empenho. Percebe que sou eu, e não o assusto.

Aperto com mais força. Se lhe pressionar o braço contra a garganta o tempo suficiente, perderá os sentidos.

Tenta falar e, depois, começará a sentir os efeitos da falta de ar. Esquece todo o seu treino e fica desvairado, resiste, arranha-me os braços e pontapeia-me as pernas. Faz-me sentir horrível. Queria que tivesse um pouco de medo, medo suficiente para resistir, e não que ficasse *aterrorizado*.

Solto-o, e ele cambaleia para longe a arfar e com os olhos cheios de lágrimas.

— Para que foi isso? — quer saber. O seu olhar é uma acusação.

— Para te lembrar de que lutar não é um jogo — digo e sinto que falo com a voz de Madoc em vez da minha. Não quero que Oak cresça como eu, furioso e com medo. Mas quero que *sobreviva*, e é verdade que Madoc me ensinou a fazer isso.

Como conseguirei eu saber a melhor forma de lhe dar aquilo de que precisa quando tudo o que conheço é a

minha própria infância retorcida? Talvez as partes dela que valorizo sejam as partes erradas.

— Que vais fazer contra um adversário que queira mesmo fazer-te mal?

— Não me importo — diz Oak. — Não me importo com essas coisas. Não quero ser rei. Não quero ser rei *nunca*.

Por um momento, limito-me a olhar fixamente para ele. Quero acreditar que mente, mas, claro, não consegue mentir.

— Nem sempre podemos escolher o nosso destino — digo.

— Reina *tu* se te importas tanto com isso! — diz ele. — Eu não o vou fazer. Nunca.

Tenho de ranger os dentes para me impedir de gritar.

— Não posso, como tu sabes, porque estou no exílio — recordo-lhe.

Bate com um casco.

— Eu também! E a única razão para estar no mundo humano é que o pai quer a estúpida coroa e tu também a queres e toda a gente a quer. Bem, eu não. Está amaldiçoada.

— Todo o poder está amaldiçoado — digo. — Os mais terríveis entre nós farão qualquer coisa para o conseguir e os que seriam melhores a governar não querem que lhes atiremos o poder para cima. Mas isso não significa que possam evitar as suas responsabilidades para sempre.

— Não podes obrigar-me a ser o Rei Altíssimo — diz ele e, depois de dar meia volta, começa a correr na direção do bloco de apartamentos.

Sento-me no chão frio e sei que arruinei completamente a conversa. Sei que Madoc foi melhor a treinar-me, a mim e a Taryn, do que eu sou a treinar Oak. Sei que sou

arrogante e tonta por ter pensado que conseguiria controlar Cardan.

Sei que, no grande jogo dos príncipes e rainhas, fui varrida do tabuleiro.

Dentro do apartamento, a porta do quarto de Oak está fechada com firmeza para eu não entrar. Vivienne, a minha irmã-fada, está junto da bancada da cozinha a sorrir para o telemóvel.

Quando repara em mim, pega-me nas mãos e faz-me girar sem parar até ficar zonza.

— A Heather ama-me outra vez — diz, com riso desvairado na voz.

Heather foi a namorada humana de Vivi. Ela tinha aturado as evasões de Vivi acerca do seu passado. Até tinha aceitado que Oak viesse viver com elas neste apartamento. Mas, quando descobriu que Vivi não era humana *e* que tinha usado magia nela, deixou-a e saiu de casa. Odeio dizer isto, porque quero que a minha irmã seja feliz e a Heather deixava-a feliz, mas mereceu que a deixasse.

Afasto-me para a olhar enquanto pestanejo, confusa.

— O quê?

Vivi acena-me com o telemóvel.

— Mandou-me uma mensagem. Quer voltar. Tudo vai ser como era antes.

As folhas não voltam a prender-se ao ramo, nozes abertas não voltam a fechar-se na casca e raparigas que foram encantadas não se limitam a acordar e a decidir dar um desconto a ex-namoradas assustadoras.

— Deixa-me ver isso — digo, estendendo a mão para o telemóvel de Vivi. Ela deixa-me pegar-lhe.

Leio as mensagens anteriores. A maioria é de Vivi — pedidos de desculpa, promessas irrefletidas e súplicas cada vez mais desesperadas. Do lado de Heather, há muito silêncio e algumas mensagens que dizem: «Preciso de mais tempo para pensar.»

Depois isto:

> Quero esquecer Faerie. Quero esquecer que tu e o Oak não são humanos. Não quero continuar a sentir-me assim. Se te pedisse que me fizesses esquecer, aceitavas?

Olho fixamente para as palavras por um longo momento e inspiro fundo.

Consigo perceber porque Vivi leu a mensagem como a leu, mas acho que a leu mal. Se tivesse sido eu a escrever aquilo, a última coisa que eu iria querer era que Vivi aceitasse. Iria querer que me ajudasse a entender que, mesmo que Vivi e Oak não fossem humanos, continuavam a amar-me. Iria querer que Vivi insistisse que fingir que Faerie não existia não ajudaria. Iria querer que Vivi me dissesse que tinha errado e que nunca, jamais, voltaria a repetir esse erro.

Se tivesse sido eu a enviar aquela mensagem, teria sido um teste.

Devolvo o telemóvel a Vivi.

— Que lhe vais responder?

— Que farei tudo o que ela quiser — diz a minha irmã. É um voto extravagante para uma mortal e um voto absolutamente aterrador para alguém que ficaria obrigado a cumprir a promessa.

— Talvez ela não saiba o que quer — digo. Serei desleal, faça o que fizer. Vivi é minha irmã, mas Heather é humana. Devo algo às duas.

E, naquele momento, Vivi não está interessada em suposições que não sejam a de que tudo ficará bem. Dirige-me um sorriso grande e descontraído, pega numa maçã da fruteira e atira-a ao ar.

— Que se passa com o Oak? Passou por aqui como um furacão e bateu com a porta. Vai ser assim tão dramático quando for adolescente?

— Não quer ser o Rei Altíssimo — digo-lhe.

— Ah. Isso. — Vivi olha para o quarto. — Pensei que fosse alguma coisa importante.

CAPÍTULO 2

Esta noite, é um alívio sair para trabalhar.

As fadas no mundo mortal têm necessidades diferentes das que têm em Elfhame. As fadas solitárias que sobrevivem nos limites de Faerie não se preocupam com festins e maquinações cortesãs.

E descobri que têm muitas tarefas para alguém como eu, uma mortal que conhece os seus costumes e não teme envolver-se no confronto ocasional. Conheci Bryern uma semana depois de deixar Elfhame. Apareceu à porta do complexo de apartamentos. Uma fada de pelo preto, com cabeça e cascos de cabra e com um chapéu de coco na mão, que dizia ser um velho amigo de Barata.

— Sei que ocupas uma posição única — disse, fixando em mim aqueles estranhos olhos dourados de cabra, com as suas pupilas negras a formarem retângulos horizontais. — Presumem que morreste, não é verdade? Sem número de Segurança Social. Sem educação mortal.

— E à procura de trabalho — disse-lhe, quando percebi para onde aquilo se encaminhava. — Sem registo.

— Não há nada mais sem registo que eu — assegurou-me, pondo uma mão com garras sobre o coração. — Permite que me apresente. Bryern. Um púca, se ainda não tinhas adivinhado.

Não pediu juras de lealdade ou quaisquer promessas. Podia trabalhar como quisesse e o pagamento seria proporcional à minha ousadia.

Esta noite, encontro-me com ele junto à água. Chego na bicicleta em segunda mão que comprei. O pneu de trás perde o ar rapidamente, mas foi barata. Funciona bastante bem para me permitir ir aonde preciso. Bryern está vestido com o esmero habitual. O seu chapéu tem uma faixa decorada com algumas penas de pato garridas e vestiu também um casaco de tweed. Enquanto me aproximo, tira um relógio de um bolso e olha-o com um franzir de testa exagerado.

— Oh, estou atrasada? — pergunto. — Desculpa. Estou habituada a ver as horas pela inclinação dos raios de lua.

Olha-me com irritação.

— Lá por teres vivido na Corte Altíssima, não precisas de te vangloriar. Não és ninguém especial agora.

Sou a Rainha Altíssima de Elfhame. O pensamento surge sem o chamar e mordo o interior da bochecha para me impedir de dizer aquelas palavras ridículas. Tem razão: Não sou ninguém especial agora.

— Qual é o trabalho? — pergunto, em vez de lhe responder, de forma tão neutra quanto consigo.

— Um membro do Povo em Old Port tem comido locais. Tenho um contrato de alguém disposto a arrancar-lhe uma promessa para que pare.

Custa-me acreditar que se importa com o que acontece aos humanos... ou que se importa o suficiente para me pagar para fazer alguma coisa para resolver o assunto.

— Locais *mortais*?

Abana a cabeça.

— Não. Não. De nós, do Povo. — A seguir, parece recordar-se de com quem está a falar e fica um pouco atrapalhado. Tento não interpretar o engano como um elogio.

A *matar* e a *comer* o Povo? Nada nisso sugere que seja uma tarefa fácil.

— Quem contrata?

Responde com um riso nervoso.

— Ninguém que queira ter o nome associado ao feito. Mas eles estão dispostos a remunerar-te por fazeres isso acontecer.

Um dos motivos para Bryern gostar de me contratar é o facto de poder aproximar-me do Povo. Não esperam que uma mortal lhes roube o conteúdo dos bolsos ou lhes crave uma faca no flanco. Não esperam que uma mortal não seja afetada pelo encantamento, conheça os seus costumes ou perceba os seus terríveis negócios.

Outro motivo é o facto de precisar suficientemente de dinheiro para aceitar trabalhos como aquele, trabalhos que sei logo desde o princípio que serão terríveis.

— Morada? — pergunto, e ele passa-me um papel dobrado. Abro-o e olho para baixo. — Espero que isto pague bem.

— Quinhentos dólares americanos — diz, como se fosse uma quantia extravagante.

A nossa renda é mil e duzentos por mês, sem falar em contas de supermercado e faturas da luz e água. Depois da partida de Heather, a minha metade ronda os oitocentos.

E gostaria de comprar um pneu novo para a bicicleta. Quinhentos não chega, não para algo assim.

— Mil e quinhentos — contraponho, arqueando as sobrancelhas. — Em dinheiro, verificável pelo ferro. Metade antes e, se não voltar, pagam a outra metade à Vivienne como oferenda à minha família enlutada.

Bryern pressiona os lábios, mas sei que tem o dinheiro. Apenas não me quer pagar o suficiente para eu poder escolher os trabalhos.

— Mil — concede, levando uma mão a um bolso dentro do casaco de tweed e retirando um maço de notas preso por um clipe de prata. — E olha. Tenho comigo a outra metade. Podes levá-la.

— Certo — concordo. É um pagamento decente por trabalho que poderá durar uma noite, se tiver sorte.

Passa o dinheiro e funga.

— Avisa quando tiveres completado a tarefa.

Há um pendente de ferro no meu porta-chaves. Passo-o de modo teatral sobre a extremidade das notas para garantir que são reais. É sempre útil recordar a Bryern que sou cuidadosa.

— Mais 50 dólares para despesas — digo, por impulso.

Franze a testa. Após um momento, leva a mão a uma parte diferente do casaco e passa-me o dinheiro adicional.

— Trata disto — diz. A falta de resistência é mau sinal. Talvez devesse ter feito mais perguntas antes de aceitar aquele trabalho. Sem dúvida que deveria ter negociado com mais empenho.

É tarde demais.

Volto para a bicicleta e aceno a Bryern para me despedir antes de partir em direção à Baixa. No passado, imaginei-me como um cavaleiro sobre uma montada, conquistando

glória em provas de perícia e honra. É uma pena que os meus talentos se tivessem revelado num campo completamente diferente.

Suponho que serei uma assassina hábil do Povo, mas aquilo em que me distingo realmente é em perceber como funcionam. Espero que isso me seja útil para persuadir uma fada canibal a fazer o que quero.

Antes de a confrontar, decido fazer perguntas.

Primeiro, vejo um gnomo chamado Magpie, que vive numa árvore no Parque Deering Oaks. Conta que ouviu dizer que a fada é uma barrete-vermelho e isso não é boa notícia, mas pelo menos, e porque cresci com um, conheço bem a sua natureza. Os barretes-vermelhos cobiçam violência, sangue e homicídio. Na verdade, ficam um pouco nervosos quando passam longos períodos sem eles. E, se forem tradicionalistas, terão um barrete para molhar no sangue dos seus inimigos vencidos, supostamente para roubar alguma vitalidade aos caídos.

Peço-lhe um nome, mas Magpie não o sabe. Manda-me ter com Ladhar, um *clurichaun* que frequenta as traseiras de bares, sugando espuma do alto de cervejas quando ninguém olha e enganando mortais em jogos de azar.

— Não sabias? — pergunta Ladhar com voz mais baixa. — *Grima Mog*.

Quase o acuso de mentir, apesar de saber que não posso. Depois, entretenho-me com uma fantasia breve e intensa em que encontro Bryern e o faço engasgar-se com cada dólar que me deu.

— Que raio faz *ela aqui*?

Grima Mog é a temível general da Corte dos Dentes no Norte. A mesma Corte de que Barata e Bomba fugiram. Quando era pequena, Madoc lia-me na cama as memórias

das estratégias de batalha dela. Pensar em enfrentá-la é suficiente para me deixar em suor frio.

Não posso enfrentá-la. E acho que também não terei boas hipóteses de a enganar.

— Ouvi dizer que a puseram a andar — diz Ladhar. — Talvez tenha comido alguém de quem a senhora Nore gostava.

Não tenho de fazer aquele trabalho, recordo a mim mesma. Já não faço parte da Corte das Sombras de Dain. Já não estou a tentar governar detrás do trono do Rei Altíssimo Cardan. Não preciso de correr riscos.

Mas estou curiosa.

E é isso, combinado com uma abundância de orgulho ferido, que me leva aos degraus do armazém de Grima Mog quando começa a amanhecer. Sei que não devo entrar de mãos a abanar. Tenho carne crua de um talho refrigerada numa geleira de esferovite, algumas sandes de mel feitas à pressa embrulhadas em papel de alumínio e uma garrafa de cerveja azeda decente.

No interior, percorro um corredor até chegar à porta do que parece ser um apartamento. Bato três vezes e espero que talvez o cheiro a comida consiga encobrir o odor do meu medo.

A porta abre-se e uma mulher de roupão espreita. Está curvada e apoia-se numa bengala de madeira preta polida.

— Que queres, querida?

Porque vejo através do seu encantamento, percebo a tonalidade verde da sua pele e os dentes demasiado grandes. Tal como o meu pai adotivo: Madoc. O tipo que matou os meus pais. O tipo que me lia as estratégias de batalha dela. Madoc, outrora o Grande General da Corte Altíssima. Agora, inimigo do trono e não muito satisfeito comigo.

Espero que ele e Cardan consigam arruinar as vidas um do outro.

— Trouxe alguns presentes — digo, erguendo a geleira. — Posso entrar? Quero fazer um acordo.

Franze um pouco a testa.

— Não podes continuar a comer membros do Povo aleatórios e não esperar que alguém seja enviado para tentar persuadir-te a parar — digo.

— Talvez te coma *a ti*, bela criança — contrapõe, alegrando-se. Mas recua para me permitir entrar no seu covil. Suponho que não conseguirá banquetear-se comigo no corredor.

O apartamento é amplo, com tetos altos e paredes de tijolo. Boa. Pisos polidos e brilhantes. Grandes janelas que deixam entrar a luz e permitem uma vista decente da cidade. Está mobilado com coisas velhas. As franjas em algumas das peças estão rasgadas e há marcas que poderiam resultar do corte acidental de uma faca.

O espaço todo cheira a sangue. Um cheiro metálico a cobre, coberto por uma doçura ligeiramente enjoativa. Disponho os meus presentes sobre uma mesa pesada de madeira.

— Para ti — digo. — Espero que desculpes a minha indelicadeza de te visitar sem convite.

Fareja a carne, vira uma sandes de mel na mão e tira a tampa da cerveja com o punho. Bebe um longo gole e olha-me.

— Alguém te instruiu em etiqueta. Pergunto porque se deram ao trabalho, pequena cabrita. É óbvio que és o sacrifício enviado com a esperança de que o meu apetite possa ser saciado com carne mortal. — Sorri e mostra os dentes. É possível que tenha anulado o encantamento

nessa altura, mas, porque vi a verdade desde o primeiro instante, não o percebo.

Pestanejo. Ela pestaneja de volta, claramente à espera de uma reação.

Por não gritar e correr em direção à porta, irritei-a. Percebo que sim. Acho que ansiava por me perseguir quando fugisse.

— És a Grima Mog — digo. — Líder de exércitos. Destruidora dos teus inimigos. É mesmo assim que queres passar a tua reforma?

— *Reforma?* — repete a palavra como se a tivesse insultado da forma mais atroz. — Mesmo que tenha sido deposta, encontrarei outro exército para comandar. Um exército maior que o primeiro.

Às vezes, digo a mim mesma algo muito parecido com aquilo. Quando o ouço dito em voz alta, da boca de outra pessoa, é chocante. Mas dá-me uma ideia.

— Bem, o Povo local preferiria não ser comido enquanto planeias a tua próxima manobra. Obviamente, por ser humana, preferia que não comesses mortais... Seja como for, duvido que te dessem o que procuras.

Ela espera que eu continue.

— Um desafio — digo e penso em tudo o que sei sobre barretes-vermelhos. — É a isso que aspiras, não é? A uma boa luta. Aposto que os membros do Povo que mataste não valiam grande coisa. Um desperdício dos teus talentos.

— Quem te enviou? — pergunta por fim. Reavalia-me. Tenta perceber porque digo aquilo.

— Que fizeste para a irritar? — pergunto. — À tua rainha? Terá sido alguma coisa em grande para seres expulsa da Corte dos Dentes.

— *Quem te enviou?* — ruge. Penso que terei atingido um ponto sensível. O meu maior talento.

Tento não sorrir, mas tive saudades da descarga de poder que resulta de entrar num jogo daqueles, de estratégia e astúcia. Odeio admiti-lo, mas tive saudades do risco. Não há espaço para arrependimentos quando estamos ocupados a tentar ganhar. Ou, pelo menos, a tentar não morrer.

— Já te disse. O Povo local, que não quer ser comido.

— Porquê *tu*? — pergunta. — Porque enviariam uma rapariguinha para tentar convencer-me de alguma coisa?

Examino o espaço em redor e vejo uma caixa redonda em cima do frigorífico. Uma caixa de chapéus antiquada. O meu olhar fixa-se nela.

— Talvez porque não perderiam nada se eu falhasse.

Quando ouve aquilo, Grima Mog ri-se e bebe outro gole de cerveja azeda.

— Uma fatalista. Então, como me persuadirás?

Aproximo-me da mesa e pego na comida, enquanto procuro uma desculpa para chegar perto daquela caixa de chapéus.

— Começo por arrumar a tua comida.

Grima Mog parece divertida.

— Suponho que uma velhinha como eu poderia usar uma jovem para fazer algumas tarefas pela casa. Mas tem cuidado. Talvez encontres mais do que procuras na minha despensa, pequena cabrita.

Abro a porta do frigorífico. Vejo os restos dos elementos do Povo que matou. Guardou braços e cabeças, preservados de alguma forma, cozidos e grelhados, e arrumados como sobras de comida depois de um grande jantar de dia festivo. Sinto o estômago às voltas.

Um sorriso malévolo surge na cara dela.

— Esperavas desafiar-me para um duelo? Pretendias gabar-te de ter dado luta? Vês agora o que significa perder com Grima Mog.

Inspiro profundamente. Depois, com um salto, faço a caixa de chapéus cair do alto do frigorífico para os meus braços.

— Não mexas nisso! — grita ela, levantando-se enquanto puxo a tampa.

E ali está: o barrete. Ensopado com camadas e camadas de sangue.

Está a meio caminho de mim com os dentes à mostra. Tiro um isqueiro do bolso e acendo-o com o polegar. Para abruptamente quando vê o fogo.

— Sei que passaste muitos, muitos anos a criar a incrustação deste barrete — digo enquanto forço a mão a não tremer, enquanto desejo que a chama não se apague. — Talvez haja aqui sangue da tua primeira e última mortes. Sem isto, não haverá nenhuma recordação das tuas conquistas passadas, nenhum troféu, nada. Agora, preciso que faças um acordo comigo. Jura que não haverá mais mortes. Nem do Povo nem de humanos, enquanto residires no mundo mortal.

— E, se não o fizer, queimarás o meu tesouro? — conclui Grima Mog por mim. — Não há honra nisso.

— Suponho que *poderia* propor enfrentar-te — digo. — Mas seria provável que perdesse. Assim ganho.

Grima Mog aponta-me a bengala preta.

— És a filha humana do Madoc, não és? E a senescal no exílio do nosso novo Rei Altíssimo. Expulsa como eu.

Aceno com a cabeça, abalada pelo reconhecimento.

— Que *fizeste*? — pergunta ela com um sorrisinho satisfeito na cara. — Terá sido algo em grande.

— Fui estúpida — digo. O melhor será admitir. — Desisti do pássaro na mão pelos dois a voar.

O seu riso é trovejante.

— Que bela parelha formamos, não é, filha de barrete-vermelho? Mas o homicídio está-me nos ossos e sangue. Não pretendo deixar de matar. Se tenho de continuar presa no mundo mortal, tenciono divertir-me.

Aproximo mais a chama do chapéu. O fundo começa a enegrecer e um fedor terrível enche o ar.

— Para! — grita ela e fixa em mim um olhar de ódio puro. — Basta. Deixa-me *fazer-te* uma oferta, pequena cabrita. Lutamos. Se perderes, o meu barrete é-me devolvido, sem o queimares. Continuo a caçar como até aqui. E dás-me o teu dedo mindinho.

— Para comer? — pergunto, afastando a chama do barrete.

— Se quiser — responde. — Ou para usar como alfinete de peito. Que te importa o que faça com ele? O que importa é que será meu.

— E porque aceitaria isso?

— Porque, se ganhares, terás a promessa que queres. E digo-te uma coisa importante acerca do teu Rei Altíssimo.

— Não quero saber nada sobre ele — replico, demasiado depressa e com demasiada raiva. Não esperava que evocasse Cardan.

O seu riso daquela vez é baixo e arrastado.

— Pequena mentirosa.

Fitamo-nos por um longo momento. O olhar de Grima Mog é amigável que chegue. Sabe que estou nas mãos dela. Vou aceitar as suas condições. Também o sei, mesmo que seja ridículo. Ela é uma lenda. Não percebo como poderei ganhar.

Mas o nome de Cardan palpita-me nos ouvidos.

Tem um novo senescal? Tem uma nova amante? Vai pessoalmente a reuniões do Conselho? Falará de mim? Ele e Locke troçarão de mim juntos? Taryn rir-se-á de tudo isto?

— Lutamos até ao primeiro sangue — digo, empurrando tudo o resto para fora da minha cabeça. É um prazer ter alguém em quem focar a minha raiva. — Não te dou o meu dedo — continuo. — Se ganhares, ficas com o teu barrete. Ponto final. E eu saio daqui. A concessão que faço é lutar contigo.

— Primeiro sangue é aborrecido. — Grima Mog inclina-se para diante com o corpo alerta. — Aceitemos lutar até uma de nós gritar em desistência. Que acabe algures entre a carnificina e rastejar para morrer no caminho para casa. — Suspira como se pensasse um pensamento feliz. — Dá-me uma oportunidade de partir cada osso no teu corpo escanzelado.

— Apostas no meu orgulho. — Enfio o barrete num bolso e o isqueiro no outro.

Não o nega.

— Apostei bem?

Primeiro sangue *era* aborrecido. Era dançarmos à volta uma da outra à procura de uma abertura. Sem luta real. Quando lhe respondo, a palavra sai-me disparada.

— Sim.

— Ótimo. — Aponta o teto com a bengala. — Vamos para a cobertura.

— Bem, isto é muito civilizado — digo.

— Espero que tenhas trazido uma arma, porque não te vou emprestar nada. — Dirige-se para a porta com um suspiro pesado, como se fosse realmente a velha que o encantamento a faz parecer.

Sigo-a para fora do apartamento, pelo corredor pouco iluminado e até à escadaria ainda mais escura, com os nervos em franja. Espero saber o que faço. Sobe dois degraus de cada vez, ávida, e abre com ímpeto uma porta de metal no topo. Ouço a vibração de aço quando puxa uma espada fina de dentro da sua bengala. Um sorriso ganancioso estica-lhe demasiado os lábios e mostra os dentes afiados.

Desembainho a faca comprida que trago escondida na bota. Não tem o melhor alcance, mas não consigo encantar coisas. Não consigo andar de bicicleta com a *Anoitecer* nas costas.

Mesmo assim, naquele momento, gostaria mesmo de ter encontrado uma forma de o fazer.

Saio para a cobertura asfaltada do edifício. O sol começa a erguer-se e tinge o céu de cor-de-rosa e dourado. Uma brisa gelada sopra pelo ar, trazendo com ela os cheiros a cimento e lixo, juntamente com o perfume das margaridas do parque mais próximo.

O meu coração acelera com uma combinação de terror e avidez. Quando Grima Mog avança para mim, estou pronta. Bloqueio e saio-lhe do caminho. Faço-o uma e outra vez, o que a irrita.

— Prometeste-me uma luta — rosna, mas, por fim, consigo perceber como se move. Sei que está sedenta de sangue, faminta de violência. Sei que está habituada a caçar. Espero apenas que tenha excesso de confiança. É possível que cometa erros quando enfrenta alguém que responde à agressão.

Improvável, mas possível.

Quando volta a investir, giro e pontapeio-lhe a parte de trás do joelho com força suficiente para a atirar ao chão.

Ruge, ergue-se atabalhoadamente e ataca-me com toda a velocidade. Por um momento, a fúria na sua cara e aqueles dentes temíveis provocam-me um medo terrível e que paralisa.

Monstro!, grita a minha mente.

Pressiono o maxilar com força para conter o impulso de continuar a esquivar-me. As nossas lâminas brilham, luminosas como escamas de peixe na luz do novo dia. O metal choca, ecoando como uma campainha. Combatemos pelo telhado, com os meus pés hábeis enquanto nos enfrentamos para trás e para diante. O suor surge-me na testa e debaixo dos braços. O meu hálito está quente e condensa no ar frio.

É bom lutar contra alguém e não contra mim própria.

Os olhos de Grima Mog semicerram-se enquanto procura fraquezas. Percebo cada correção que Madoc alguma vez me fez, cada mau hábito que Fantasma tentou eliminar-me com treino. Inicia uma série de golpes brutais enquanto tenta empurrar-me até ao limite do edifício. Cedo terreno e tento defender-me da sucessão de golpes rápidos e do alcance mais longo da sua lâmina. Continha-se antes, mas já não se contém.

Uma e outra vez, empurra-me para uma queda no vazio. Luto com determinação severa. A transpiração deixa-me a pele escorregadia e surgem gotas de suor entre as minhas omoplatas.

A seguir, o meu pé bate num tubo de metal que se ergue do asfalto. Cambaleio e ela ataca. Consigo evitar a custo ser trespassada e isso custa-me a faca, que voa do telhado. Ouço-a bater na rua, em baixo, com um ruído seco.

Nunca deveria ter aceitado aquela missão. Nunca deveria ter concordado com aquela luta. Nunca deveria ter

aceitado o pedido de casamento de Cardan e nunca deveria ter sido exilada para o mundo mortal.

A raiva provoca-me uma descarga de energia e uso-a para sair do caminho de Grima Mog, deixando que o ímpeto do ataque faça a lâmina passar a meu lado. A seguir, acotovelo-a com força no braço e seguro-lhe o punho da espada.

Não é uma manobra muito honrada, mas há muito tempo que não sou honrada. Grima Mog é muito forte, mas fica surpreendida. Por um momento, hesita, mas, depois, bate com a sua testa na minha. Sou projetada, mas quase lhe tirei a arma.

Quase consegui.

A minha cabeça lateja e sinto-me um pouco zonza.

— Isso é batota, rapariga — diz-me. Estamos as duas ofegantes. Sinto que os meus pulmões são feitos de chumbo.

— Não sou nenhum cavaleiro. — Como se enfatizasse esse ponto, pego na única arma que consigo ver: um tubo de metal. É pesado e não tem nenhum gume, mas é tudo o que há. Pelo menos, é mais longo do que a faca.

Ela ri-se.

— Devias render-te, mas encanta-me que não o tenhas feito.

— Sou otimista — digo. Daquela vez, quando investe contra mim, tem a velocidade enquanto eu tenho maior alcance. Giramos à volta uma da outra. Ela golpeia e eu bloqueio com algo que se move com o equilíbrio de um bastão de basebol. Desejo muitas coisas, mas, acima de tudo, desejo sair daquela cobertura.

A minha energia vacila. Não estou habituada ao peso do tubo e é difícil de manobrar.

Desiste, diz-me o meu cérebro frenético. *Desiste enquanto ainda estás de pé. Dá-lhe o barrete, esquece o dinheiro e vai para casa. Vivi consegue transformar folhas em dinheiro extra com magia. Só desta vez, não seria assim tão mau. Não lutas por um reino. Esse, já o perdeste.*

Grima Mog avança para mim como se conseguisse sentir o meu desespero. Força-me a fazer alguns movimentos e desfere alguns ataques rápidos e agressivos na esperança de conseguir contornar a minha guarda.

Suor pinga-me da testa e faz-me arder os olhos.

Madoc descreveu lutar como muitas coisas, como um jogo de estratégia jogado em velocidade acelerada, como uma dança, mas, naquele momento, parece uma discussão. Uma discussão que me mantém demasiado ocupada a defender para conseguir marcar pontos.

Apesar do esforço nos meus músculos, passo a segurar o tubo numa mão e uso a outra para puxar o barrete do bolso.

— Que fazes? Prometeste... — começa.

Atiro-lhe o barrete à cara. Ela segura-o, distraída. Nesse momento, uso toda a força do meu corpo para lhe atingir o flanco com o tubo.

Acerto-lhe no ombro e ela cai com um uivo de dor. Volto a atingi-la e faço o tubo de metal cair num arco sobre o seu braço estendido. A espada gira para longe sobre a cobertura.

Ergo o tubo para um novo golpe.

— Basta. — Grima Mog move o olhar do asfalto para mim, com sangue nos dentes afiados e espanto na cara. — Rendo-me.

— Rendes-te? — Baixo o tubo.

— Sim, pequena batoteira — exclama enquanto se senta. — Levaste-me a melhor. Agora ajuda-me a levantar.

Largo o tubo e aproximo-me, quase à espera de que puxe de uma faca para ma cravar no flanco. Mas limita-se a erguer uma mão para que eu a ajude a levantar-se. Põe o barrete na cabeça e protege o braço atingido com o outro.

— A Corte dos Dentes apoiou o velho Grande General, o teu pai, e uma hoste de outros traidores. Sei de fonte segura que o teu Rei Altíssimo será destronado antes da próxima lua cheia. Que te parece?

— Foi por isso que te foste embora? — pergunto-lhe. — Porque não és uma traidora?

— Parti por culpa de outra cabrita. Agora, põe-te a andar. Isto foi mais divertido do que esperei, mas parece-me que o nosso jogo terminou.

As suas palavras ecoam-me nos ouvidos. *O teu Rei Altíssimo. Destronado.*

— Ainda me deves uma promessa — digo, com a voz transformada num gemido.

E, para minha surpresa, Grima Mog dá-ma. Jura não voltar a caçar nas terras mortais.

— Vem lutar outra vez comigo — pede-me enquanto me dirijo para as escadas. — Segredos não me faltam. Há tantas coisas que não sabes, filha de Madoc. E parece-me que também tu anseias por um pouco de violência.

penguinlivros.pt

ISBN: 978-989-589-085-2

9 789895 899852